

O LUGAR DO PROFESSOR : SENTIDO PRÓPRIO DE SUA EXISTÊNCIA

Venancio, Joana Darc – FEUDUC

GT: Didática/nº4

Agência Financiadora: não contou com financiamento

Só a ação é prerrogativa exclusiva do homem; nem um animal nem um deus é capaz de ação, e só a ação depende inteiramente da constante presença de outros ¹

Cada um tem, ou pelo menos deveria ter um lugar que é seu e do qual não pode abrir mão . Quando alguém se destitui , é destituído ou permite ser destituído de seu lugar, torna-se muito difícil a recuperação de sua identidade original. O destituído de seu lugar, não sabe de onde fala e nem qual a causa a ser defendida, permitindo a disparidade entre o que faz e o que deveria fazer. Relação essa que pode provocar confusão, decepção e desorientação por parte daquele que procura quem fala de um lugar determinado e que sabe exatamente o que deve ser defendido como discurso, ou seja, de alguém que pode ser identificado como um referencial, (mesmo que esse se ache sem condições para tal) . A questão do referencial e da projeção é mais de escolha de quem projeta do que daquele que foi projetado. A este último cabe o respeito à imagem que foi feita de si, bem como a acolhida daquele que assim o fez. A resistência e/ou a negação dessa constituição de sujeitos, pode ser maléfica a ambos.

Nas relações inerentes à atuação do professor é comum surgirem identificações com sua figura. Muitas vezes, o aluno não se identifica com o professor, mas com suas variadas formas de se manifestar nas relações diárias. É possível e até compreensível que as referidas identificações sejam respeitadas e articuladas como características das relações humanas. No entanto, ao se escolher a categoria professor, já está colocado um pressuposto de discussão : O professor e não suas *performances*.

Em seu exercício o professor vem, muitas vezes, com sua permissão ou não, sendo substituído por uma nova personagem, uma para cada ato, ou quem sabe, todas de uma vez no *palco* da sala de aula ou da escola. Para que seja aceito ou valorizado - se é que se pode chamar isso de valorização- ele assume para si vários papéis, sendo confundido com pai, mãe, amigo, companheiro, orientador... e também professor, satisfazendo-se com o esvaziamento, mesmo sem perceber, de seu singular papel e lugar : ser professor.

A rotina do professor é envolvida pelos sentimentos humanos. Parece não haver possibilidade de descartar essa condição, pois o professor também traz em si, e não poderia ser diferente, as condições humanas tanto quanto seu aluno. No entanto, se esses sentimentos não forem harmonizados, acabam sendo um risco para o processo pedagógico, pois lidar com gente é envolver-se em pequenas e grandes histórias de vida, é descobrir-se ou esconder-se no outro, é consolidar o ser humano como ser incontestavelmente dependente das relações, assim como já afirmado na epígrafe.

A tentativa de constituir a confiança na relação pedagógica parece impelir e até provocar outra questão : para implementação de uma relação pedagógica autêntica, poderá ser necessária uma retomada dos lugares de cada um : professor e aluno. Neste contexto, caberá a não aceitação da destituição de um

lugar próprio, mas o fazer desse lugar o sentido próprio que a existência humana adquire em cada um. Nesta rotina, o professor necessita de uma grande habilidade para não se confundir em sua autoridade. Seu lugar e papel devem fazer diferença, como também urge que o seu discurso seja discernido dos demais. Ele, o professor, assim como cada um que assume o seu lugar e papel, deve *ser um* e não simplesmente mais um. Na autenticidade e no assumir de sua condição de professor, ele colabora para a harmonia da rotina, pois ao sair de sua omissão, ao desvendar-se, ao expor-se e ao assumir seu lugar, não gera confusões sobre sua figura, mas cria a possibilidade de recorrerem a ele sempre que necessitarem do professor, buscando-o de forma condizente com a categoria que representa, dando espaço para que as demais categorias atuem assumindo também seu lugar e papel. Assim, é possível que o próprio aluno, por vontade própria, lhe devolva a autoridade abdicada, assim como Emílio agiu com Rosseau :

Meu amigo, meu protetor, meu mestre, retomas a autoridade de que queres abdicar no momento em que é mais importante para mim que permaneças; até agora só a tinhas por causa de minha fraqueza, mas agora a terás por minha vontade, e assim ela será mais sagrada para mim. Defende-me de todos os inimigos que me assaltam, e sobretudo dos que trago comigo e que me traem; cuida de tua obra para que eu permaneça digno de ti. Quero obedecer as tuas leis, quero-o sempre, é a minha vontade constante; torna-me livre protegendo-me contra as minhas paixões que me violentam; impede que eu seja escravo delas e força-me a ser meu próprio senhor não obedecendo aos sentidos, mas a razão. ²

Não se trata aqui do esfriamento das relações afetivas, pois o profissionalismo não se caracteriza pelo *embrutecimento* das relações humanas cotidianas, até porque essa condição seria negar a própria natureza do ser pessoa. Essas manifestações são aliadas da construção do humano em sua plenitude. Ser profissional não é negar a própria natureza, ao contrário, é promover a construção de relações firmes, sensatas, eficazes, evitando a qualquer custo o *sentimentalismo*³ e o esvaziamento de sua condição de ser social. Cada situação educativa é única. O professor necessita colocar-se sempre diante de um *enigma*, de uma interrogação acerca de sua atuação e do objeto dessa atuação. Sendo a educação um *enigma*, cabe ao professor procurar desvendá-lo, ficando a possibilidade de não ser possível tal desvelamento. Impulsinado pelo desejo de descobertas e desvelamento do enigma - que é a educação - surge a necessidade da criação e da autocriação, assim como surge a necessidade de refazer o propósito do ato educativo possibilitando a construção/ desconstrução/reconstrução do sentido de educar.

Quem de fato é profissional, deve priorizar em sua atuação as condições básicas para a construção e desconstrução do outro e de si mesmo nas relação cotidianas . No caso do professor, sendo este *apenas* professor - apenas no sentido de assumir neste momento somente esta categoria - será por consequência competente, justo, solidário, comprometido com o conhecimento e com cidadania, não necessitando ser nomeado e/ou reconhecido por adjetivos positivos e/ou negativos.

Falando de Cidadania, não cabe ao professor *ofertar* ou *negar* a cidadania ao seu aluno. É nessa construção coletiva que professor e aluno se fazem, se anunciam e permitem que o outro possa igualmente acontecer. O professor necessita prestar conta ao aluno, apresentando-se e confirmando sua autoridade,

¹ ARENDT. H. 1997. p. 31

² ROSSEAU, J. 1995. p. 446-447.

possibilitando assim, a descoberta de que sua atuação - a educação - não é uma casualidade, mas consciência de que o que dela resulta não deveria ser fruto da fatalidade, mas de uma escolha. Ele não pode deixar de cumprir o que é de sua competência.

Parece claro que enquanto o professor achar que necessita *se demitir de seu lugar*, não será possível construir uma educação verdadeira. O professor deve provocar no aluno o desejo de busca e de desvelamento e, nessa tentativa construir sua autonomia. O aluno deve encontrar na identificação com o seu professor o sentido de busca de sua cidadania. Mesmo que ele faça uma imagem ainda que irreal de seu professor, essa é a sua forma de pensá-lo e de vê-lo e que necessita ser respeitada. O aluno vê, na figura do professor, a imagem de alguém que é depositário do conhecimento. Ele, o aluno, não pode ser desiludido. Não cabe ao professor dar provas contrárias para decepcioná-lo, assim também como não cabe ao professor o domínio da imagem que o aluno faz dele. Preservando seu lugar, permitindo que o outro faça dele a imagem desse "suposto *saber*"⁴, que ele não é, e ao mesmo tempo, sabendo que se tudo der certo, o aluno descobre por si mesmo como superar essa imagem ilusória, o professor poderá, ainda que de forma precária, garantir a construção de uma cidadania construída e não facilitada. Esta deve ser uma realidade vivenciada por ambos.

Um dos maiores gestos de respeito que se pode ter com o aluno é tratá-lo como aluno, ou seja, dedicar-se à sua causa: cientificidade, descoberta de novos conceitos, busca da intelectualidade e sua formação de cidadão consciente e que não se deixa enganar pelas ideologias. Igualmente assim, o aluno não será demitido de seu lugar de aluno. Assumindo com nitidez sua categoria de aluno e gozando dos privilégios de aluno, poderá construir-se com mais precisão para que suas outras categorias, no tempo e lugar exato, sejam igualmente respeitadas. Talvez, dessa forma, poderá ser plenamente cidadão.

O dicionário da Língua Portuguesa define *aluno* como: "*Aquele que foi criado e educado por alguém; aquele que teve ou tem alguém por mestre ou preceptor; indivíduo que recebe instrução ou educação em estabelecimento de ensino ou não*".⁵ Não parece haver nenhuma injustiça no fato de tratá-lo como aluno, assim como não parece haver nenhum descaso em que ele reconheça seu professor *apenas* como professor, pois essa é a relação que deveria ter lugar privilegiado na sala de aula e na escola. Cada um assumindo o seu papel e seu lugar, viabiliza a implantação de uma rotina mais tranqüila e respeitosa, onde cada ser poderá olhar para o outro com a certeza de quem ele é e de qual lugar ele fala no dia-a-dia. Dessa forma é permitido ao aluno que ele se identifique com o professor, criando uma imagem a partir do que é real para ele - mesmo que não seja para o professor. A partir desse novo modo, o professor não necessitará sair de seu lugar para que o aluno se identifique com ele, mas ao contrário, a identificação ocorrerá exatamente pelo fato dele não ter deixado o seu lugar vazio. Não é possível se identificar com o *ninguém*. Quando existe identificação de um com o outro é porque há alguém num lugar e um outro alguém no outro lugar. Quando um dos dois lugares não está ocupado a relação de identificação fica bloqueada. Por isso, mesmo que essa identificação seja com alguém que pode parecer eticamente inconveniente, há necessidade de saber o lugar que esse alguém ocupa, pois do contrário não será possível fazer uma avaliação de quem se escolheu para a identificação. No caso do professor, quando esse deixa o seu lugar

³ HOUAISS, Antônio 2001- (Emoção Superficial e débil; sem causa justificável)

⁴ Conceito de Lacan que define o fenômeno transferencial e que exprime a relação do sujeito com o Outro simbólico para além do outro imaginário.

vazio não está permitindo uma identificação transparente e autêntica, pois os que o escolheram quando ele estava fora de seu lugar, não escolheram o professor, mas uma outra categoria que assumia um papel em um lugar diferente.

A função social do professor é ser professor. Este não pode cair no engodo, mesmo que bem intencionado, de achar que assumindo diversas categorias, uma para cada situação, está colaborando com a formação de cidadãos conscientes. É evidente a carência social de pais e mães responsáveis, de governantes competentes, de líderes sindicais atuantes, de médicos, engenheiros, arquitetos, advogados, psicólogos, religiosos e outros profissionais coerentes com o seu lugar . Mas não cabe ao professor ser um pouco de cada um. Ele precisa tornar-se inteiramente e radicalmente professor, assumindo sem reservas o ato de educar seu aluno.

Bibliografia

ARENDT, Hannah . *A Condição Humana*. São Paulo: Forense Universitária, 1997

⁵ Dicionário da Língua Portuguesa - Houaiss. 2001

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

ROSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo. Martins Fontes, 1995.